

VITRINE FILMES/DIVULGAÇÃO



Cena do filme 'A morte habita à noite', dirigido por Eduardo Morotó.

Uma longa jornada noite adentro

Ricardo Daehn

O retrato de uma masculinidade em transformação está estampado no primeiro longa-metragem dirigido por Eduardo Morotó, estrelado por Roney Villela e ainda pela brasiliense Mariana Nunes. Em *A morte habita à noite*, Raul (Villela) é o protagonista desempregado, que, ao acaso, presencia a morte de um vizinho. O escritor é namorado de Lígia (Nunes), que se mostra bastante abalada com a visão da morte.

Em festivais de cinema diversos, como os do Ceará e de Santa Maria da Feira (Portugal), além do Inffinito Film Festival de Miami, Villela se viu premiado pela atuação do homem

desgarrado e solitário que investe numa noitada repleta de tipos marginais, por todo Recife. O escritor, sem demora, esbarra em Cássia (personagem vivida por Endi Vasconcelos). Imersos num ambiente de pobreza, ambos passam a rever conceitos de vida e morte, num contexto bastante sombrio. Rita Carelli e Pedro Gracindo são outros nomes no elenco do filme do premiado curta-metragista.

Às vésperas de investir nas filmagens do segundo longa, *Irmãos caraíba*, Eduardo Morotó conseguiu emplacar no circuito o longa filmado em 2017 e que esteve no circuito de festivais de 2020. *A morte habita à noite* ganhou corpo com ligeira inspiração no

universo do autor Charles Bukowski, particularmente no texto *A mulher mais linda da cidade*.

À frente de seis curtas que bateram a marca de 100 premiações, Eduardo Morotó se viu projetado a partir do projeto *Revelando os Brasis*, idealizado no governo petista. Filmes de Morotó ganharam destaque em certames como Mostra de Cinema de Tiradentes (no qual *Quando morreremos à noite*, de 2011, foi considerado o melhor, pelo júri da crítica), além de chegar a eventos armênios, franceses e espanhóis. Já *Eu nunca deveria ter voltado*, também de 2011, no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro obteve prêmios de melhor direção, ator e trilha sonora.